

Cientistas pedem aos EUA que lutem contra aquecimento global

A comunidade científica pediu aos Estados Unidos, contrários ao Protocolo de Kyoto, que se unam aos esforços internacionais na redução das emissões de gases com efeito estufa para proteger o Ártico.

O desaparecimento do gelo no Ártico, principalmente na Groenlândia, provocaria cerca do ano de 2100 um aumento de **até um metro do nível dos oceanos**, obrigando as populações dos litorais a se deslocar, alertam os cientistas.

“Se vocês não querem que isso aconteça, devem atuar rapidamente para modificar a quantidade de CO₂ - dióxido de carbono e dos outros gases com efeito estufa na atmosfera. Este é um fato científico, não um comentário político”.

Os ministros das Relações Exteriores dos oito países do Conselho Ártico - Estados Unidos, Canadá, Rússia, Japão, Finlândia, Suécia, Islândia e Noruega - responsáveis por aproximadamente 30% das emissões humanas de dióxido de carbono, se reunirão em 24 de novembro em Reykjavik (Islândia) para estudar providências.

Homem seria a causa do aquecimento global. Cientistas de 11 países, entre eles Estados Unidos, China e Brasil, assinaram um comunicado conjunto dia 7 de junho, para declarar que a humanidade é a maior fonte do aquecimento global, e que o **assunto exige providências imediatas**.

O aquecimento global estará no topo da agenda da cúpula do G8, que acontece em julho na Escócia. “A compreensão científica da alteração climática é hoje suficientemente clara para justificar providências imediatas dos países”.

Embora haja praticamente um consenso científico sobre a influência do homem sobre o aquecimento global, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush parece não estar convencido.

Os EUA se retiraram do Protocolo de Kyoto, que visa a limitar as emissões de gases que provocam o efeito-estufa.

O premiê britânico, Tony Blair, fez do aquecimento global uma das principais plataformas para a presidência do país no G8, este ano.

“Está claro que os líderes mundiais, incluindo o G8, não podem mais usar a incerteza sobre aspectos da alteração climática como desculpa para não tomar providências urgentes para cortar os gases-estufa”, disse Lord May, presidente da academia nacional de ciência da Sociedade Real Britânica.

Ele chamou a política norte-americana de “equivocada” e lembrou que entre os signatários da declaração de cientistas estão pesquisadores de três dos maiores países poluidores do mundo, além de China, Índia e Brasil.

Blair já pediu providências mundiais para conter as emissões e insistiu que a cúpula do G8 estabeleça um cronograma de ações. A reunião ocorre entre 6 e 8 de julho em Gleneagles, a cerca de 65 quilômetros de Edimburgo.

Mas um esboço divulgado em maio com a declaração sobre o clima que deve ser assinada na cúpula não mencionava o aspecto científico nem continha cronogramas ou metas.

As academias nacionais de ciências também evitaram falar em metas, pedindo em vez disso medidas “de bom custo-benefício” para cortar as emissões.

Mas pediram a ajuda internacional para os efeitos do aquecimento global sobre os países mais pobres. O grupo ambientalista Friends of the Earth elogiou a pressão que a declaração dos cientistas impõe sobre os líderes do G8, mas lamentou a ausência de metas concretas.

“Os países do G8 têm de aceitar sua responsabilidade histórica sobre o problema, e mostrar liderança genuína com reduções reais nas emissões”, disse a ativista Catherine Pearce.

É essencial que o mundo todo - incluindo os EUA - reconheça que há uma oportunidade limitada para evitar alterações climáticas potencialmente catastrófica”.

Luiz Antonio Batista da Rocha -Eng. Civil - Consultor em Recursos Hídricos - Auditor Ambiental -
rocha@mdbrasil.com.br - www.outorga.com.br - www.rochaoutorga.hpg.com.br